



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/08/2025 e 14/08/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
08/08/2025	9,66	273,40	52,76	5,14	3,82
11/08/2025	9,89	277,70	53,29	5,15	3,85
12/08/2025	10,11	278,40	53,30	5,05	3,71
13/08/2025	10,23	284,10	53,35	5,07	3,74
14/08/2025	10,08	282,10	51,99	5,03	3,75
Média	9,94	279,14	52,94	5,09	3,77

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	124,00	
RS – Não Me Toque	124,00	
PR – Pato Branco	123,00	
PR – M.C.Rondon	119,00	
MT – C.N.Parecis	SC	
MS – Maracaju	123,00	
GO - Rio Verde	117,00	
BA – L.E.Magalhães	127,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	64,00	CIF
Porto de Paranaguá	67,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	64,00	
PR – M.C.Rondon	51,00	
PR – Pato Branco	56,00	
MT – C.N.Parecis	SC	
MS – Maracaju	48,00	
SP – Itapetininga	58,00	
SP – Campinas	64,00	CIF
GO – Rio Verde	48,00	
GO – Jataí	48,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Pato Branco	77,00	
PR – M.C.Rondon	76,00	

Período: 13/08/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 14/08/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	61,85	124,34	69,93

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
14/08/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	67,02
Feijão (saco 60 Kg)	190,00
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,13
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,53**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,20

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Junho/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, em Chicago, para o primeiro mês, reagiu durante esta semana. Após bater em US\$ 9,61/bushel no dia 06/08, a mesma chegou a US\$ 10,23 no dia 13/08, porém, perdeu força na sequência e fechou a quinta-feira (14) em US\$ 10,08/bushel, contra US\$ 9,71 uma semana antes. Dois motivos explicam o movimento: a revisão, mesmo que pequena, para baixo na produção de soja dos EUA em 2025/26, anunciada no relatório de oferta e demanda do dia 12/08; e principalmente o discurso de Trump afirmando que as negociações comerciais com a China podem levar o país asiático a quadruplicar as importações de soja estadunidense logo adiante.

Sobre o relatório, os principais pontos, considerando a safra 2025/26, são a redução na estimativa de produção estadunidense (colheita a partir de final de outubro), ficando a mesma, agora, em 116,8 milhões de toneladas, ou seja, 1,2 milhão a menos do que o indicado em julho. Com isso, os estoques finais estadunidenses recuam para 7,9 milhões de toneladas, perdendo cerca de 500.000 toneladas sobre o indicado em julho. Já a produção mundial de soja ficaria em 426,4 milhões de toneladas, também recuando 1,2 milhão sobre o mês anterior, enquanto os estoques finais mundiais descem para 124,9 milhões de toneladas, com recuo igualmente de 1,2 milhão de toneladas sobre julho. Mas a média para o bushel de soja ao produtor estadunidense ficou mantida em US\$ 10,10 para este novo ano comercial. A produção brasileira e argentina estão projetadas, respectivamente, em 175,00 e 48,5 milhões de toneladas. E as importações chinesas foram mantidas em 112 milhões.

Dito isso, a qualidade das lavouras de soja nos EUA, no dia 10/08, recuou para 68% entre boas a excelentes, ficando no mesmo nível do ano anterior, sendo que 71% das mesmas estão com formação de vagens.

Pelo lado das exportações, na semana encerrada em 07/08 os EUA embarcaram 518.066 toneladas da oleaginosa, superando a expectativa do mercado e acumulando, no atual ano comercial, um total de 48,4 milhões de toneladas, ou seja, 11% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços melhoraram um pouco mais na esteira, especialmente, da melhoria dos prêmios, já que o câmbio chegou a cair abaixo de R\$ 5,40 por dólar em alguns momentos da semana. Assim, a média gaúcha voltou ao patamar dos R\$ 124,00/saco, enquanto as principais praças locais estabeleceram seus preços nestes níveis no interior. No restante do país, o intervalo de preços médios subiu para valores entre R\$ 117,00 e R\$ 127,00/saco, com algumas praças sem cotação.

Em termos dos prêmios, nos portos nacionais, os mesmos estiveram nos níveis mais altos desde 2018, puxados pela forte demanda da China aqui no país. Por enquanto, apesar das declarações de Trump, os chineses ainda pouco compraram soja dos EUA, dando preferência ao Brasil e a Argentina.

Aliás, esta situação começa a preocupar o mercado, pois as margens de esmagamento estão piorando na China. Somente nesta semana, a China comprou cerca de 28 navios de soja da safra velha do Brasil, com prêmios altos, tendo subido 30 centavos de dólar nas principais posições. Na semana anterior, foram 26 navios e um ganho nos prêmios de 15 centavos. Segundo analistas da Agrinvest Commodities “a situação atual é

insustentável assim como está”. Afinal, aqui no Brasil também as margens de esmagamento das indústrias nacionais não estão em um bom momento. “Os preços do farelo de soja testam suas mínimas em diversos anos e os valores do grão estão elevados - em especial por conta dos prêmios historicamente altos - o que deve fazer, portanto, que o esmagamento seja menor do que o inicialmente estimado no Brasil” (cf. Granel Corretora), além do problema de encontrar soja de qualidade para atender a demanda externa. “Se a China continuar só comprando no Brasil e o ritmo for esse, o qual supera até mesmo o ritmo das vendas por parte dos produtores nacionais, somado à questão da falta de soja padrão exportação no Arco Norte, a tendência é de os prêmios dispararem e a soja estadunidense não sair do lugar. Com margem muito negativa para a indústria, a tendência é faltar óleo, faltar biodiesel e por aí vai.” (cf. Agrinvest Commodities). A solução seria a China voltar a comprar soja estadunidense, o que levaria a um recuo nos prêmios brasileiros e melhoraria as margens de nossas indústrias, as quais aumentariam o esmagamento. Mas isso leva a um menor preço ao produtor caso o câmbio e/ou Chicago não compensar.

Lembrando que a colheita da nova safra de soja nos EUA deve iniciar em outubro, aumentando a oferta naquele país e pressionando Chicago para baixo. Enfim, é bom lembrar, no que diz respeito a declaração de Trump de que “a China poderá quadruplicar suas compras de soja dos EUA”, que na guerra comercial estabelecida pelo presidente estadunidense em seu primeiro mandato, “a China não cumpriu o acordado na fase um, quando o assunto era o volume de produtos agrícolas que teria que comprar dos Estados Unidos”. Mas a ansiedade do mercado é tanta, para que as cotações em Chicago subam, que bastou a fala para que o mercado reagisse imediatamente como vimos nesta semana. A questão é: será que continua ou é apenas momentâneo? Ora, se a China não vier às compras nos EUA, o aumento de agora em Chicago não terá sustentação, salvo se venha a ocorrer um problema climático sobre a safra atual do país norte-americano.

MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado, em Chicago, após recuar para US\$ 3,71/bushel durante a semana, se recuperou um pouco e fechou a quinta-feira (14) em US\$ 3,75, contra US\$ 3,84 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 12/08, trouxe pressão baixista para o cereal, mais uma vez, pois apontou, para 2025/26, uma colheita estadunidense (que se inicia agora em setembro) em um total de 425,3 milhões de toneladas, cerca de 25 milhões a mais do que o indicado em julho. Com isso, os estoques finais nos EUA saltaram para 53,8 milhões de toneladas, ganhando 11,7 milhões sobre julho. Já a produção mundial de milho ficou estimada em 1,289 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais globais atingiriam 282,5 milhões de toneladas. O preço médio ao produtor estadunidense de milho veio para US\$ 3,90/bushel em 2025/26. Já a produção do Brasil e da Argentina ficaram estabelecidas, respectivamente, em 131 e 53 milhões de toneladas. As exportações brasileiras do cereal chegariam a 43 milhões de toneladas no novo ano comercial.

Dito isso, no dia 10/08, 72% das lavouras de milho estadunidenses estavam entre boas a excelentes condições, contra 73% da semana anterior e acima do ano passado,

quando eram 67%. Cerca de 58% das mesmas estavam na fase de enchimento de grãos.

Por sua vez, os embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 07/08, atingiam a 1,5 milhão de toneladas, superando as expectativas do mercado e alcançando um total, no ano comercial, de 63,1 milhões de toneladas, volume 29% maior do que um ano atrás.

E no Brasil, os preços se mantêm nos mesmos níveis baixos das últimas semanas, porém, com um leve movimento de alta em algumas regiões. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 61,85/saco, enquanto as principais praças locais ficaram entre R\$ 59,00 e R\$ 60,00/saco. No restante do país os preços oscilaram entre R\$ 48,00 e R\$ 64,00/saco, com algumas praças também sem preço.

Aparentemente, a pressão baixista sobre os preços do milho, com a safrinha na sua reta final de colheita, parece ter terminado. Por enquanto, as usinas de etanol continuam pagando níveis acima da paridade de importação e, com isso, o produtor segue concentrando suas vendas no mercado local. Além disso, com a relação soja-milho favorecendo a comercialização da soja, as vendas por parte dos produtores e as exportações de milho brasileiro devem seguir lentas (cf. Agrinvest Commodities).

Dito isso, o total colhido no Brasil, em 2025, atinge a 79,4% da área, contra 90,2% um ano atrás e 79,2% na média histórica. Lembrando que no Mato Grosso a colheita da segunda safra está praticamente encerrada (cf. Pátria AgroNegócios). Já no Centro-Sul brasileiro, segundo a AgRural, a colheita da safrinha 2025 de milho chegou, no dia 07/08, a 88% da área semeada, contra 97% um ano atrás. Já a Conab informou que, em todo o Brasil, a colheita da safrinha atingia, no dia 10/08, a um total de 83,7% da área, contra 84,3% na média.

E no Mato Grosso, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), a comercialização da safra de milho 2024/25 atingiu, em julho, a 62% da produção estimada. Isso se deve ao aumento médio de 2,9% no preço do milho no último mês, sobre junho, fechando em R\$ 43,78/saco. Assim, e somando-se os problemas de armazenagem local, os produtores optaram por vender sua produção. Já para a safra 2025/26, a comercialização antecipada chegou a 11,4% da produção estimada. Esse movimento foi motivado pela alta de 2,5% sobre junho, nos preços futuros, que ficaram na média de R\$ 44,33/saco em julho. Apesar disso, a comercialização da safra 2025/26 segue atrasada em relação à média das últimas cinco safras.

Enfim, as exportações brasileiras de milho, nos primeiros seis dias úteis de agosto, melhoraram muito, chegando a 1,76 milhão de toneladas, chegando a 29% do total exportado em agosto do ano passado. Com isso, a média diária de agosto é 6,6% melhor do que a registrada no mesmo mês de 2024. O preço médio pago por tonelada subiu 19,8% no período, indo de US\$ 192,70 em agosto de 2024 para US\$ 231,00 em julho de 2025.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo em Chicago, para o primeiro mês cotado, cedeu nesta semana. O fechamento da quinta-feira (14) ficou em US\$ 5,03/bushel, contra US\$ 5,18 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, para o ano 2025/26, apontou uma safra estadunidense do cereal em 52,4 milhões de toneladas e estoques finais em 23,6 milhões. Neste último caso, um leve recuo em relação a julho. Com isso, o preço médio ao produtor estadunidense, para o novo ano comercial, ficaria em US\$ 5,30/bushel. Já a produção mundial do cereal recuou 1,6 milhão de toneladas, ficando em 806,9 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais ficariam em 260,1 milhões. A produção da Argentina foi reduzida em 300.000 toneladas, para 19,7 milhões de toneladas, enquanto a brasileira veio para 7,5 milhões, em linha com as últimas projeções que fazíamos. As exportações da Argentina poderão alcançar 13 milhões de toneladas, enquanto as importações brasileiras atingiriam a 7 milhões.

Dito isso, nos EUA, a colheita do trigo de inverno, no dia 10/08, atingia a 90% da área, contra 91% na média histórica. Já o trigo de primavera, na mesma data, havia sido colhido em 16% da área, contra 22% na média.

Enquanto isso, os embarques de trigo estadunidense, na semana encerrada em 07/08, atingiram a 365.486 toneladas, ficando um pouco acima do ponto mínimo esperado pelo mercado. No total do atual ano comercial, o volume exportado atinge a 4,4 milhões de toneladas, ou seja, 2% acima do volume embarcado na mesma época do ano anterior.

E na Argentina, os produtores locais encerraram o plantio da nova safra de trigo, na semana passada, com 6,7 milhões de hectares semeados, segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires. Esta área ficou 400.000 hectares acima do que foi semeado no ano anterior. Por enquanto, as condições iniciais da safra são altamente favoráveis, com 99% do trigo classificado como "normal a excelente" em seus estágios vegetativos.

E no Brasil, o preço do trigo voltou a recuar no Paraná, com o produto de qualidade superior atingindo valores entre R\$ 76,00 e R\$ 77,00/saco junto às principais praças. E no Rio Grande do Sul o valor ficou mantido em R\$ 70,00/saco nas principais praças, enquanto a média local é de R\$ 69,93/saco.

Vale destacar que as importações nacionais de trigo continuam subindo. Nos 12 meses encerrados em julho, o volume aumentou 20% sobre o mesmo período do ano anterior. Somente no mês de julho o Brasil importou 616.910 toneladas de trigo, 26,7% a mais do que em junho/25, mas 4,3% a menos do que em julho/24, conforme dados da Secex. De agosto/24 a julho/25, foram importadas 6,83 milhões de toneladas.

Enfim, nestes primeiros 15 dias de agosto o mercado brasileiro continuou travado, sob forte influência dos preços mundiais. No Rio Grande do Sul, o trigo argentino, para entrega em dezembro, recuou R\$ 3,14/saco. Já no mercado interno local, os compradores ofereciam R\$ 1.350,00/tonelada posto moinho na região de Porto Alegre, Canoas e Serra, e R\$ 1.320,00/tonelada no centro do estado, havendo negócios

pontuais a R\$ 1.280,00/tonelada (R\$ 76,80/saco) para embarque em agosto. Para o trigo ração o deságio continua em 20%. E em Santa Catarina, igualmente o mercado está travado. Há excesso de trigo gaúcho por lá, o que mantém os preços entre R\$ 1.330,00 e R\$ 1.360,00/tonelada FOB, mais frete e ICMS. A Conab prevê queda de 6,3% na produção de Santa Catarina, mesmo com aumento de área semeada. E no Paraná, o produto importado continua mais competitivo, favorecido pelo Real forte e o baixo preço do produto dos vizinhos países. O mercado à vista recuou para R\$ 1.400,00/tonelada CIF e o futuro para R\$ 1.300,00/tonelada CIF moinho, com alguns negócios envolvendo trigo paraguaio a R\$ 1.440,00/tonelada CIF. Neste momento, o lucro do tricultor parananense subiu para 4,32%, porém, ainda muito abaixo das oportunidades oferecidas pelo mercado futuro, que chegaram a 32,1% de lucro ao longo do ano (cf. TF Agrônômica).